



**MESA REDONDA DE ENCERRAMENTO:<sup>1</sup>  
I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE *RASABOXES***

**MESA REDONDA DE CLAUSURA:  
1.ER SEMINARIO INTERNACIONAL DE *RASABOXES***

**CLOSING ROUNDTABLE:  
1ST INTERNATIONAL RASABOXES SEMINAR**

**Juliana Pablos Calligaris<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-6751-8643>

**Joana Ribeiro da Silva Tavares<sup>3</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-5608-4731>

**RESUMO**

Transcrição e edição da mesa redonda de encerramento do I Seminário Internacional de *Rasaboxes*/ISIR, ocorrida em 27 de janeiro de 2024, na sede do Grupo de Teatro Estrada, em Indaiatuba/SP. Participaram da mesa as(os) artistas/palestrantes: Adriana Bonfatti, Adriana Maia, Ana Achcar, Anna Wiltgen, Joana Ribeiro, Júlia Sarmento, Juliana Calligaris, Henrique Fontes, Leticia Olivares e Michele Minnick. A partir de três questões: “O que ficou”, “O que se quer deixar marcado” e “O que se deseja para o futuro”, as(os) palestrantes discutiram sobre os desdobramentos do ISIR no Brasil. O debate enfocou a demanda de publicações em língua portuguesa, a realização de oficinas na modalidade *The Performance Workshop/TPW*, o descentramento regional na pesquisa e transmissão do *Rasaboxes* e a continuidade do seminário, revelando o estado da arte do *Rasaboxes* no Brasil, no modo como vem sendo praticado pelas(os) participantes.

**Palavras-chave:** I Seminário Internacional, *Rasaboxes*, desdobramentos

<sup>1</sup> Gravação na íntegra disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GTJfco975hM>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=JBdOhqU-H6Q>>. Acesso em: 10 out. 2025.

<sup>2</sup> Transcrição e edição. Artista-docente-pesquisadora em artes cênicas. Doutora em Artes Cênicas (2023), Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes – PPGAC/IA-UNICAMP, na linha de pesquisa “Poéticas e Linguagens da Cena”. Orientadora: Profa. Dra. Suzi Sperber. Bolsista Capes. Cofundadora da Cia Trilhas da Arte – Pesquisas Cênicas de Campinas, criada em 1991.

<sup>3</sup> Edição e revisão. Joana Tavares, Unirio Doutora em Teatro – UNIRIO (2007) com estágio doutoral em Dança – Paris8. Desenvolve pesquisa de pós-doutorado Direção de Movimento: Trajetórias e Formação no PPGAC/UFOP. Atriz/bailarina e diretora de movimento. Profa. Associada na Escola de Teatro e no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas/PPGAC/UNIRIO. Coordenadora do Laboratório Artes do Movimento, Líder de Direção de Movimento e Dança (MOVIDA/GP/CNPq).

## RESUMEN

Transcripción y edición de la mesa redonda de clausura del 1.er Seminario Internacional *Rasaboxes/ISIR*, celebrado el 27 de enero de 2024, en la sede del Grupo de Teatro Estrada en Indaiatuba, São Paulo. Las artistas/conferencistas que participaron en la mesa redonda fueron: Adriana Bonfatti, Adriana Maia, Ana Achcar, Anna Wiltgen, Joana Ribeiro, Júlia Sarmento, Juliana Calligaris, Henrique Fontes, Leticia Olivares y Michele Minnick. A partir de tres preguntas: "¿Qué queda?", "¿Qué queremos dejar atrás?" y "¿Qué esperamos para el futuro?", las ponentes debatieron sobre los avances de ISIR en Brasil. El debate se centró en la demanda de publicaciones en portugués, la realización de talleres en la modalidad *The Performance Workshop/TPW*, la descentralización regional en la investigación y transmisión de *Rasaboxes* y la continuidad del seminario, revelando el estado del arte de *Rasaboxes* en Brasil, tal como viene siendo practicado por los participantes.

**Palabras clave:** I Seminario Internacional, *Rasaboxes*, desarrollos

## ABSTRACT

Edited transcription of the closing roundtable of the 1st International *Rasaboxes/ISIR* Seminar, held on January 27, 2024, at the Estrada Theater Group headquarters in Indaiatuba, São Paulo. The artists/speakers of the roundtable were: Adriana Bonfatti, Adriana Maia, Ana Achcar, Anna Wiltgen, Joana Ribeiro, Júlia Sarmento, Juliana Calligaris, Henrique Fontes, Leticia Olivares, and Michele Minnick. Based on three questions: "What remains?", "What impression do we want to leave?", and "What do we hope for the future?", the speakers discussed the developments of ISIR in Brazil. The debate focused on the demand for publications in Portuguese, the realization of more workshops in the form of *The Performance Workshop/TPW*, the regional decentralization of the research and transmission of *Rasaboxes* and the continuation of the seminar, revealing the state of the art of *Rasaboxes* in Brazil, as practiced by the participants.

**Keywords:** I International Seminar, *Rasaboxes*, developments

### Figura 1 - “Mesa Redonda de Encerramento”

1º Seminário Internacional de *Rasaboxes*/ISIR, 27 de janeiro de 2024, Teatro Estrada, Indaiatuba, São Paulo.



Da esquerda para direita: Adriana Maia, Michele Minnick, Adriana Bonfatti, Júlia Sarmiento, Juliana Calligaris, Henrique Fontes, Leticia Olivares, Joana Ribeiro, Anna Wiltgen e Ana Achcar. Foto: *Print* da gravação, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GTJfco975hM>. Acesso em: 13 set. 2025.

#### Abertura – Juliana Calligaris:

Pessoal, boa noite! Muito obrigada por estarem aqui. Estamos encerrando o I Seminário Internacional de *Rasaboxes*. Uma iniciativa de dois grupos teatrais do interior paulista, a partir de um sonho em comum da Paloma Dourado e meu, que contaminou as nossas companhias. Em seguida, contagiou um monte de gente, graças à Michele Minnick, que trouxe para o nosso convívio, todos vocês, a partir de um intercâmbio realizado em 2022. Foi um momento de muito aprendizado, de grande realização artística para nós, aqui do interior paulista. Poder contar com vocês — pessoas que, além da vida acadêmica, têm uma pedagogia da criação artística — que pensam, para além da cena, na vida social, política e civil, ou seja, nas questões que nos interessam hoje no Brasil. É uma honra poder ter vocês aqui, agradecemos por isso. Vamos começar nossa mesa redonda, para refletir sobre algumas questões, desejando que possamos nos reunir novamente num próximo seminário. Como coordenadora geral de produção, aprendi muito. Eu nunca tinha produzido um evento desse porte — costumo produzir teatro — e aprendi bastante. Por isso comentei que: “Quando este seminário terminar, estarei pronta para começar”. Mas, como foi dito aqui — creio que pelo Reiner Tenente — não tem como “des-experimentar” o que foi experimentado. A experiência é dada pela própria experiência. E este seminário jamais teria acontecido só conosco. Por isso agradeço a todos que participaram do I Seminário Internacional de *Rasaboxes*, porque não adianta abrimos inscrição, termos uma estrutura de

produção e não vir ninguém. Agradecemos, igualmente, a todos e todas que representam o Grupo Teatro Estrada e a Cia Trilhas da Arte, responsáveis pela produção e organização deste evento<sup>4</sup>. Tendo feito essa abertura vou passar a palavra para a Leticia Olivares, que fará algumas proposições.

### **Leticia Olivares:**

Sugiro que cada seminarista faça uma fala breve, a partir do trabalho desenvolvido, sobre três questões: “o que ficou”, “o que se quer deixar marcado” e “o que se deseja para o futuro”? Não precisa responder tudo, pode escolher, como uma provocação.

### **Henrique Fontes:**

Eu não queria, mas vou começar [risos]. O bendito fruto... Entre as mulheres. Quero dizer, que é uma honra estar entre as mulheres. Não é a primeira vez que o *Rasaboxes* entrou na minha vida por um e-mail errado que chegou do *The Magdalena Project*<sup>5</sup>. Não sei por que, até hoje, ninguém sabe explicar por que esse e-mail chegou para mim. Mas era uma convocatória para um encontro em Florianópolis, em 2010. Claro que era só para mulheres, eu era o único homem [risos]. Quando eu escrevi, me candidatando, elas foram muito simpáticas, já no receptivo me disseram: “Mas, é claro, venha!”. E desde lá, tive essa grata experiência de estar entre mulheres. Porque parece óbvio, mas eu percebo isso do feminino ter encampado a responsabilidade de mudar esse mundo. Tem uma coisa que é do feminino, eu aprendi isso na convivência, da ação ser processual. Da responsabilidade, não só consigo, com o que se faz, mas com o coletivo, com os outros que virão. Isso é do feminino. Infelizmente, o masculino não age assim. Tem um mundo muito imediatista, objetivado, uma ação que termina ali. E é muito bom estar entre mulheres para lembrar que o mundo só vai continuar se a gente tiver esse pensamento feminino. Eu acho que o que eu levo, daqui, é essa sensação de cultivar o feminino, tê-lo presente em tudo que eu fizer. Este seminário tem desdobramentos que não percebemos agora. Estamos contaminados com atravessamentos intensos. Eu levarei essa intensidade de coisas e anotações que eu quero, ao chegar em casa, poder respirar, rever, pensar. Esse é o meu desejo, que esse seminário reverbere e ecoe ações. E tem a ver, para mim, com o que eu desejo para o futuro. Porque todo mundo está na vontade que tenhamos um segundo seminário. Porque ele não é “finalístico”, não termina em si. Ele é uma semente de algo que vai continuar e vai fortificar em muitos aspectos, em ações nossas no futuro. Eu desejo que esse segundo seminário seja permeado de inúmeras criações e

---

<sup>4</sup> Agradecimentos para Virgínia de Oliveira, André Lupércio, Ieda Gomes, Bruna Frari, Jéssica Miranda, Nei (Claudinei) Zanachi, Leticia Olivares, Paloma Dourado, Rosana Ribas, João Rafael Alves e Esmeraldina Reis.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://themagdalenaoproject.org/pt-br>>. Acesso em: 11 set. 2025.

realizações. Não sei se ele vai ocorrer daqui a um ano, ou dois, ou mesmo em seis meses, mas será um presente. É isso. Eu preciso dizer obrigado.

### **Joana Ribeiro:**

Eu acho que o que ficou ainda está presente, para podermos falar sobre, futuramente, no passado. Ainda que já não estejamos mais uns minutos atrás, ali, do lado de fora do Teatro Estrada, onde ocorreu a oficina de Michele Minnick. Eu penso no que nos une, hoje. O que nos fez virmos quando fomos convidadas. Quando a Michele nos colocou em contato com a Juliana Calligaris, nós falamos “sim” para algo que desconhecíamos. E vocês na plateia? O que traz vocês aqui? Eu tenho uma sensação que todos nós gostamos de “compartilhar” e isso é *rasa*. Mas compartilhar o quê? Aí, eu vou para a segunda pergunta, que é “o que se quer deixar marcado”. Eu acho que tem diversas questões nesse compartilhamento. Nós estamos juntas, mas, ao mesmo tempo, somos pessoas distintas, com diferentes abordagens no tabuleiro do *Rasaboxes*. E a terceira provocação, para onde pretendemos ir? O primeiro desejo é o da continuidade. Eu, particularmente, tenho muito desejo de experimentar o *TPW*, ou seja, o *The Performance Workshop*, o que vem antes do *Rasaboxes*, como um **pré-movimento rásico**. Penso ainda nessa pluralidade de abordagens do *Rasaboxes* que vivenciamos, durante essa semana, como um “corpo” que poderia originar uma publicação. Uma coletânea do que é a nossa experiência “plural” com o *Rasaboxes* no Brasil. Talvez, com um artigo histórico sobre a nossa trajetória, mas que tudo isso vire um corpo textual para que possamos compartilhá-lo em português. E, para finalizar, o próximo seminário, sim, ele deve continuar. Muito obrigada.

### **Leticia Olivares:**

Eu queria falar do que ficou. É muito importante, para mim, conhecer as metodologias. Conhecer a forma que cada pessoa trabalha. Porque era como a Michele Minnick falou. Ela nem sabia que eu estava aplicando o *Rasaboxes*. E eu também não sabia que era tão importante o *Rasaboxes* no Rio de Janeiro. Isso foi fundamental para esclarecer mal-entendidos, no sentido de ter acesso às diversas nomenclaturas. Poder me aprofundar nesses conhecimentos e nas aproximações que cada pessoa traz com as suas próprias competências. Abrir esse leque de possibilidades da aplicação do *Rasaboxes* para entendermos como ele é feito em algumas partes do Brasil. O que fica marcado, desses encontros, é justamente essa coletividade e essa individualidade. Ter pessoas diferentes, fazendo trabalhos a partir de um ponto comum, mas com diversas histórias. E, isso, ao longo de um encontro que teve vontade de dar certo. Apesar de toda a intensidade da programação neste seminário, eu senti leveza nas relações,

resiliência entre as pessoas, como uma possibilidade de modo de existir. Temos que criar as formas de estar no mundo que queremos. E essa é uma forma que me agrada, porque envolve respeito, amorosidade, afeto e vontade que a coisa aconteça e dê certo. Desejo um próximo seminário para que possamos continuar trocando. Hoje, temos esse impulso da tecnologia. Poderíamos, pontualmente, fazer um encontro, *meet*, algo para deixar a “chapa quente”. E, já ir manejando nossos livros, artigos, para os quais me coloco à disposição. Desejo que possamos continuar essa jornada de divulgação e de aprofundamento dessa técnica que é muito mágica e prática para o profissional da cena. É isso!

### **Anna Wiltgen:**

Vou partilhar uma imagem, porque eu fui ali atrás, no quintal do Teatro Estrada, voltei lá nas nossas árvores para dar uma conectada, fazer um agradecimento. Eu estava bem quieta lá, e me veio uma coruja. E fiquei uns 15 minutos com a coruja assim [espalmou uma das mãos para frente]. Quando eu voltei e contei para a Ana Achcar e para a Jéssica Miranda, que mencionou a sabedoria, a Ana Achcar disse: “Sabedoria, aprendizado, pessoas que querem crescer”. Eu me sinto contaminada com isso, porque, para mim, é um aprendizado. Eu saio daqui cheia de ideias. Eu estava embaixo da árvore, pensando nas ideias e agradecendo aos mestres, pedindo licença, agradecendo esse terreno onde eu pisei, com todo respeito. Eu vim para esse seminário, trazendo dois mestres. A proposta foi trazer o Sotigui Kouyaté<sup>6</sup> e o *Rasaboxes*, ou seja, a Michele Minnick. São dois mestres, que eu não coloco no lugar de divindades inacessíveis. A Michele Minnick ocupa esse lugar da importância de ser a nossa mestra. Desde a primeira vez que eu tive acesso a ela, em 2010, acompanho o trabalho dela no Brasil. Destaco a generosidade de Michele, ao multiplicar este trabalho, a força dela conosco aqui, em Indaiatuba, partilhando. Porque foi um presente estarmos em Indaiatuba, e não no Rio de Janeiro, num seminário permeado por pessoas que se respeitam e desejam o crescimento, a sabedoria, num seminário “costurado” pelo afeto. Eu agradeço aos mestres, às mestras, ao lugar, afetividade, competência e generosidade de vocês que organizaram e abriram a casa para que pudéssemos viver isso. Espero que frutifique, porque somos todos artistas e pedagogos, dedicados ao teatro. Eu espero, inclusive, que o próximo seminário ocorra aqui e quando voltarmos, depois do tempo que for necessário para cada pessoa percorrer suas **estradas** e **trilhas**, que possamos voltar com nossos pensamentos renovados. E é isso.

---

<sup>6</sup> Sotigui Kouyaté (1936-2010) – Ator, diretor, *griot* – mestre da palavra na tradição mali — colaborou muitos anos com o diretor Peter Brook (1925-2022), entre outros, atuando em inúmeras peças sob a sua direção.

### Adriana Maia:

O que ficou para mim, que, na realidade, tem a ver com o que ficou marcado, é o que eu estava falando com o Henrique Fontes — o “entusiasmo”. O entusiasmo, na etimologia da palavra, é um Deus que tem dentro de cada pessoa. E acho que, muitas vezes, nos dias de hoje, não encontramos pessoas entusiasmadas, mas sim, objetivadas, o que nada tem a ver com o entusiasmo. A objetividade é um fazer contínuo, você fica parado lá no Beckett, “Esperando Godot”, aquilo não faz sentido. E o entusiasmo, pelo contrário, ele faz todo o sentido. E eu sempre fico me perguntando por que *Rasaboxes*. Eu acho que o *Rasaboxes* é um jogo entusiasmante. Porque você constrói universos, como as palavras escritas na parede: “universo” e “Deus”<sup>7</sup>. É um jogo que te entusiasma. Você encontra o Deus que está dentro de você. Por isso o *Rasaboxes* é ótimo para todo mundo. O que ficou e o que tem que marcar, é o desejo que vocês nunca percam o entusiasmo. Quando a gente perde o entusiasmo, nada faz sentido. Quando somos jovens, temos entusiasmo. A criança tem entusiasmo. Mas à medida que você vai ralando na vida, você vai perdendo esse entusiasmo. E isso é fundamental para qualquer artista. E é a partir de ter essa palavra “entusiasmo”, que faz sentido toda a questão da dinâmica do *Rasaboxes*. E o que virá, sei lá. Eu acho que tem que ter outro seminário, só que quando eu vou fazer algo novo, sempre invento encrencas, porque eu não gosto de me repetir. Por exemplo, eu estava falando com as demais professoras/seminaristas, que foi a primeira vez que eu fiz o melodrama no *Rasaboxes*. Eu trabalho com melodrama, eu gosto de trabalhar com a tipologia, mas eu nunca tinha aplicado numa dinâmica de dar aula. E eu falei: “ah, vai dar certo, sim!” [risos]. Eu sei, eu pedi uma coisa difícil. E acho que é fundamental termos o prosseguimento deste trabalho. Uma vez que ele frutificou tão bem no Brasil. Temos *Rasaboxes* em várias partes do Brasil, como no Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Natal. E não temos *Rasaboxes*, no estrangeiro, sendo feito em todos os lugares [Michele Minnick concorda]. O *Rasaboxes* é um jogo que “ficou” no Brasil, ele tem um lugar de dança, de molejo que faz todo o sentido aqui. Tem *Rasaboxes* em mais algum lugar no Brasil? Enfim, se entusiasmem!

### Eluhara Resende Videira<sup>8</sup>:

Tem *Rasaboxes* com os professores Narciso Telles e o Eduardo de Paula na Universidade Federal de Uberlândia/UFU, Minas Gerais.

<sup>7</sup> Adriana Maia aponta para as palavras escritas nas paredes do Teatro Estrada durante as oficinas do I Seminário Internacional de *Rasaboxes*. Ver em: <<https://sites.google.com/view/iseinarioderasaboxesbrasil/p%C3%A1gina-inicial?authuser=1>>. Acesso em: 10 set. 2025.

<sup>8</sup> Eluhara Resende Videira, aluna participante do seminário, à época era aluna de mestrado na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, sob a orientação do Prof. Dr. Narciso Larangeira Telles da Silva.

### **Júlia Sarmento:**

Acho que eu vou pegar carona no seu entusiasmo, Adriana, porque eu sou muito entusiasmada com *Rasaboxes*, inclusive, sou da segunda geração no Brasil. Todos aqui são da primeira geração. Mas eu sempre estava lá no grupinho, dizendo: “Oi, **rásicas!** Tudo bem? Vamos lá!”. E a gente fazia uns encontros e eu ficava atçando para a gente se encontrar. E durante a pandemia, eu inventei um curso<sup>9</sup> para fazermos juntas. Eu sempre fui muito entusiasmada com o tabuleiro. E o meu entusiasmo me fez inventar um Grupo de Estudos sobre *Rasaboxes*<sup>10</sup> com oito pessoas em Fortaleza. Meu entusiasmo passa por esse lugar. Eu vim aqui para “roubar” informação e levar para Fortaleza, para construir essa terceira geração. Eu tenho certeza que estamos construindo uma terceira geração de pessoas encantadas, entusiasmadas, com o tabuleiro. Eu me entusiasmo com essa passagem de bastão. Tipo, “toma que isso também é seu”. “Vai trabalhar!”. “Porque é bom!”. “Se divirta”. Porque parece, às vezes, muito solitário. E como eu estou muito longe, lá no nordeste, nos seguramos no que dá. E foi por isso que eu criei esse grupo. Para que, junto com outras pessoas, eu pudesse jogar o *Rasaboxes* e organizar as invenções que fazemos em Fortaleza. Espero, e acho que esse é o meu desejo, que o Grupo de Estudos sobre *Rasaboxes* possa estar aqui no próximo seminário, partilhando nosso protocolo<sup>11</sup> do tabuleiro *Rasaboxes* para atores e atrizes cegos e cegas. Queria mostrá-lo para vocês, porque foi muito legal. Eu gostaria que a terceira geração estivesse presente no próximo seminário. Que pudéssemos usufruir das derivas que esse trabalho proporcionou e está proporcionando. E eu tenho certeza que muita coisa vai aparecer. E eu vou ter muito prazer, muito encanto e luta, para acompanhar e fazê-las. É isso. A “passagem de bastão” é algo importante, que fica para mim.

### **Adriana Bonfatti:**

O que fica para mim é esse trabalho das professoras seminaristas da mesa, o trabalho das professoras em relação à plateia e o nosso trabalho coletivo. O que ficou de importante para mim é esse “lugar”, tanto da propositora do jogo, quanto da artista, infindável. O quanto temos experimentado. Durante

<sup>9</sup> Curso: *Rasaboxes – Uma caixa de questões e afetos*, 29 a 30 de novembro de 2021, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo. Com: Adriana Maia, Anna Wiltgen, Joana Ribeiro e Júlia Sarmento. Disponível em: <<https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/rasaboxes-uma-caixa-de-afetos-e-questoes>>. Acesso em: 10 set. 2025.

<sup>10</sup> Disponível em: @gruporasaboxesce. <<https://mapacultural.secult.ce.gov.br/oportunidade/4152/>>. <<https://portoiraacemadasartes.org.br/porto-iracema-recebe-grupos-de-estudos-sobre-rasaboxes/>>. Acesso em: 10 set. 2025.

<sup>11</sup> Sobre isso ver: Encontro de Práticas e estudos sobre *Rasaboxes* - Encontro virtual de pesquisadores de *Rasaboxes* promovido pelo Grupo de Estudos sobre *Rasaboxes* em Fortaleza, Ceará, no dia 24 de junho de 2023 com a parceria do Núcleo do Ator/UNIRIO e apoio do Teatro Escola do Theatro José de Alencar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8Yb5-zNXfls>>. Acesso em: 10 set. 2025.

esta semana, quantas novidades eu soube da minha expressão, do meu corpo, da minha voz, do próprio jogo *Rasaboxes* e da sua dinâmica. Quantas “roubadas” e mentiras eu disse para mim mesma. Mas também, quantas verdades foram ditas. O meu encantamento de ter tocado em *shanta*. Tudo isso é uma marca, poder estar nesse lugar de artista propositora e pesquisadora. E o fato de não abrimos mão, enquanto artistas, de experimentarmos a cena tanto no lugar do melodrama [realiza um gesto amplo com os braços abertos e projeta a voz] quanto naquele lugar pequenininho, sincero [aproxima as mãos e fala baixo]. E sobre o que ficou marcado, resalto o modo como trabalhamos nesta semana. Eu fiquei emocionada com o modo como preparamos as oficinas, pensamos e organizamos juntas. Eu via as pessoas no hotel, trabalhando até de madrugada, ou no café da manhã, sempre conversando e disponíveis. Todas as pessoas, como artistas, trabalhando suas aulas e proposições para pensarmos como colocá-las no tabuleiro. Fiquei muito marcada por isso. O que demonstra o quanto respeitamos, sentimos responsabilidade e temos compromisso com este trabalho, porque acreditamos nele, em todas as suas camadas. Eu acho que foi nesse lugar que eu fiquei marcada, na “seriedade”. O que desperta a necessidade de escrevermos sobre isso e de fazermos um segundo seminário. Porque eu acho que o tabuleiro do *Rasaboxes* pode parecer ser algo simples, mas ele não é simples, ele é complexo. E ele pode desencadear muitas coisas, tanto artisticamente quanto pessoalmente em cena. Tudo isso merece um estudo nosso, para que esse lugar da criação, do respeito, do gozo e da felicidade aconteça. São os nossos desdobramentos. Precisamos conversar sobre eles. E que esse “rigor” com a nossa arte não seja algo que nos faça recuar, mas que nos faça avançar, e, abrir com segurança, em nossos desejos e vontades. Por isso temos que continuar.

### **Ana Achcar:**

Eu vou continuar daqui. Eu queria falar desde o início, mas eu fiquei muito emocionada com a fala de vocês. Vou começar dizendo que foi um “vento” que trouxe a memória da minha fase de estudante de doutorado há vinte e um anos atrás para cá, com a mesma força, entusiasmo, interesse e paixão. Que me trouxe para o reencontro com meu bastãozinho [referindo-se à Júlia Sarmiento (risos)]. Isso para mim é sempre a potência do *Rasaboxes*. Essa ventania, essa revolução que ele faz com o seu corpo. Porque ele junta pessoas que aparentemente não teriam nada a ver, ou que têm a ver e se reconhecem. O que foi marcante é o que sempre é: “O que o *Rasaboxes* une, ninguém separa” [risos e aplausos]. Porque não se trata das diferenças, o que se une no tabuleiro e fica “calado” em cada pessoa, reencontramos quando voltamos a nos encontrar. O que ficou marcado para mim foi o “silêncio” [com voz embargada]. Eu sou uma pessoa que fala muito. Depois [da oficina]<sup>12</sup> dos palhaços e das palhaças,

---

<sup>12</sup> Ver em: <<https://sites.google.com/view/iseminarioderasaboxesbrasil/programa%C3%A7%C3%A3o?authuser=1>>. Acesso em: 12 set. 2025.

eu me calei e ontem eu pude encontrar o silêncio. **O silêncio das rasas**. Eu acho que isso foi um ganho importante para nós que trabalhamos com o *Rasaboxes* há alguns anos. Para mim foi essencial. Há 21 anos e eu nunca havia pensado no **silêncio das rasas**. Escutar o silêncio de cada uma delas. O que chamou a atenção para os nossos próprios silêncios. E “o que gostaria que ficasse” é que esses silêncios não fossem silenciamentos. Tem algo muito político no *Rasaboxes*, no meu entendimento. Porque é uma prática do corpo. O corpo é cultural, o corpo diz o que a palavra não alcança, se relaciona. E que possamos ser cada vez mais “políticos” na nossa ação com o outro, na cidade, na cultura, no país. E, sobretudo, na nossa ação com nós mesmos, não só na honestidade, na integridade, mas na transformação. Nessa relação com os outros, na empatia. Sim, tudo isso que vocês falaram: livro, próximo seminário. Mas, se eu tivesse que fazer um desejo, eu diria: “Mais ventania!”. “Muito mais ventania para todos nós!”. Foi um prazer encontrar vocês.

### **Juliana Calligaris:**

Quando eu dou oficina de *Rasaboxes*, desde 2013, faço uma linha do tempo, de “passagem do bastão”. Falo assim: “Sabe a teoria de seis graus de separação? — vamos pensar. Tem o *Natyashastra*, tem o Richard Schechner<sup>13</sup>, tem a Michele Minnick, tem a Leticia Olivares, tem eu e tem vocês”. Embora eu não seja do grupo original do Rio de Janeiro, sempre me considerei uma **pessoa rásica** e acompanhei o trabalho de vocês. Porque eu comecei a estudar, ler referências em inglês e descobrir outras coisas. Como eu disse à Michele, agora vocês têm três dimensões, não são apenas referência bibliográfica. O que fica para mim é um sentimento de “pertencimento”. Muito obrigada por terem me acolhido no clube [risos]. Inclusive, eu tinha vergonha de falar com vocês e a Leticia dizia: “Juliana, fala com a Michele”. Quando veio a cutucada da Paloma: “Vamos fazer o seminário!”, escrevi para a Michele em inglês, pensando: “Ela nunca vai me responder”. Mas a Michele não só respondeu como me disse que falava português. Por isso, uma das coisas que fica para mim é... Muito obrigada! Porque vocês nem titubearam quando eu apresentei a proposta, e tentamos financiamentos dois anos seguidos até conseguir. Fica um desejo que vocês conheçam o meu trabalho com o *Rasaboxes*. Eu sempre disse que sou uma pessoa antes do *Rasaboxes* e outra depois. Não apenas como artista, mas como ser humano. Esse é o mote que sigo: “O artista da cena, a atriz, o ator, é um ser humano profissional”. Porque sua

---

<sup>13</sup> Richard Schechner (1934-) é um dos fundadores dos Estudos da Performance, é um teórico da performance, diretor teatral, autor e professor universitário emérito na Escola de Artes Tisch da New York University. Fundou o *East Coast Artists* e o *The Performance Group*. Suas produções teatrais incluem *Dionysus in 69*, *Commune*, *The Tooth of Crime*, *Mother Courage and Her Children*, *Seneca's Oedipus*, *Faust/gastronome*, *Three Sisters*, *Hamlet*, *The Oresteia*, *YokastaS*, *Swimming to Spalding* e *Imagining O*. Seus livros incluem *Public Domain*, *Environmental Theater*, *Performance Theory*, *The Future of Ritual*, *Between Theater and Anthropology*, *Performance Studies: An Introduction* e *Performed Imaginaries*. Disponível em: <<https://hemisphericinstitute.org/pt/hidvl-collections/itemlist/category/387-rschechner.html>>. Acesso em 14 set. 2025.

profissão é ser “outro” ser humano. Logo, é impossível crescer artisticamente, se não crescemos como pessoa. O *Rasaboxes* concretiza esse lema. E é um sonho realizado estarmos aqui. Porque também é a comemoração do aniversário de duas companhias teatrais, o que significa a resistência artística no interior, com a Cia Trilhas da Arte que completou 33 anos, e o Grupo de Teatro Estrada, com 28 anos. Lembrando que estar no interior, nos faz sentir como “um peixe pequeno”. Não estamos nas capitais de São Paulo ou Rio de Janeiro, por isso ficamos com essa síndrome de “primo pobre” e “primo rico”. Mas não é bem assim, se pensarmos, por exemplo, na terceira geração. Eu acho que tive cerca de três mil alunos de *Rasaboxes* em 10 anos. Quer dizer, a palavra está sendo passada! Mas não existe aqui um grupo de estudo como o da Júlia Sarmiento. O que significa a formação de uma nova geração. Porque uma oficina curta passa, fica algo para as pessoas, ou não. Poderíamos aproveitar essa ideia, Paloma Dourado, e criarmos um grupo estruturado como o grupo da Júlia. E fica para mim, que todos vocês vieram. Eu nem esperava que vocês ficassem a semana toda. Achei que vocês iam ministrar os cursos e ir embora. Realmente: “O que o *Rasaboxes* uniu, ninguém separa”. E estou realizada. Já estou pensando no artigo. E, sim, queremos realizar o segundo seminário. Pode ser que seja através de outro edital, em outro estado do Brasil. Porque acaba sendo tudo muito “sudestino”, por causa dos subsídios, mas temos que sair do Sudeste e ir para outras regiões, como o Norte, o Nordeste, o Centro-Oeste. E o desejo é que a gente nunca esqueça o que conquistamos aqui, isso não tem preço, muito obrigada.

### **Leticia Olivares:**

Eu só queria fazer um comentário, a partir dessa proposta de tirar do eixo “sudestino”. Que é uma percepção que acho que todos têm. Aqui estamos com uma maioria branca. A diversidade é um desejo que eu acrescento. Que a gente consiga estar com mais diversidade em todos os aspectos. Eu tenho o aspecto da deficiência, que também foi muito bem acolhida. Por isso, desejamos que mais pessoas com deficiências e mulheres pretas estejam juntas conosco.

### **Michele Minnick:**

Apesar dessa pressão de ser a última e ser a mestra aqui de todo mundo, eu vou falar da minha experiência pessoal. Eu concordo com vocês. Mas é um momento para mim muito interessante, porque eu vim para cá depois de quatro anos sem ministrar oficina de *Rasaboxes*. Eu não trabalhei com o próprio tabuleiro, nem nenhuma prática de grupo, presencialmente, durante a pandemia ou, mesmo, um tempo depois. Eu estava pensando assim: lá na frente, tem uma experiência que vou ter, no Brasil, com as pessoas que conheço, com pessoas que não conheço, que vai — sei lá — reabrir algo que está

meio... Não é “adormecido”. Afinal, fiquei durante esse tempo terminando de escrever o livro<sup>14</sup>. Porque estou fazendo um trabalho que é de educação pelo movimento somático. Mas que tem um lado terapêutico. Estou pesquisando isso. Foi bom voltar para ver onde estou agora, em relação a isso [à prática do *Rasaboxes*]. Deu para perceber que eu estou com pouca paciência em relação à intensidade exagerada. Venho compartilhando isso com todas essas pessoas pelas quais tenho muito respeito. E muita gratidão, por elas me trazerem para o Brasil, para fazer esse trabalho, como em Natal, com o Henrique Fontes. A base do trabalho sempre foi no Rio de Janeiro, mas tem outros vínculos. Mas foi só agora que consegui realmente ver, viver, presenciar o trabalho de vocês, e fiquei muito entusiasmada. Quando fomos para a Polônia<sup>15</sup>, em 2011, com a Fernanda Guimarães e a Ana Achar, participaram várias escolas com técnicas específicas de teatro, e nós — que não temos “escola”. Eu levei alguns alunos da minha universidade, a Paula Murray Cole, a minha colega lá nos Estados Unidos, ela levou os alunos dela, e convidamos pessoas do Brasil. Mas aqui, nessa troca que está acontecendo entre nós, eu estou sentindo um cheiro no ar de uma “Escola de *Rasaboxes*”. Que não precisa ser uma “escola”, no sentido tradicional, pode ser, assim... [Nei Zanachi, da plateia: Itinerante.] Isso! *You read my mind!* Até em nossas próprias disciplinas, departamentos de teatro, onde trabalhamos, temos que inventar novas maneiras de fazer essa passagem de bastão. Eu fiquei refletindo, porque esses quatro anos foram, para mim, uma virada de vida: artística, filosófica, tudo, e tenho outras prioridades. Eu acho que a minha relação com a liderança, queira ou não queira, porque eu sou líder dentro desse contexto do *Rasaboxes* e da história do *TPW* [*The Performance Workshop*]. Mas eu estou, cada vez mais, tentando ver como podemos liderar juntos, sentir o coletivo. E se tem coisas que eu gostaria de falar com vocês, a respeito do trabalho, seriam perguntas, curiosidades, não seria da ordem da autoridade. Quando a Juliana Calligaris me contactou, eu falei para ela: “ah, você tem que conhecer a galera do Rio, tem outras pessoas no país, começar por quem está, já, por perto”. Mas eu quero voltar à questão que a Adriana Bonfatti levantou. Ao “compromisso” e “rigor” mencionados, eu adicionaria “responsabilidade”, porque esse grupo de pessoas aqui é formado por pessoas hiper-responsáveis. Vão cuidar de vocês [plateia], do trabalho e, eu espero, delas mesmas. Se antes, tínhamos uma conversa sobre a questão de fazermos um certificado em *Rasaboxes* ou em *TPW*, não existe isso mais. Existem pessoas que passaram durante anos pela experiência, em vários papéis, fosse como participantes, mas também junto com os professores, os facilitadores, depois compartilhando, era um processo longo, mas não tem nada oficial. Mas eu penso que se temos poucas regras, são regras importantes, como o compromisso que devemos ter com nós mesmos. Por isso, se em algum momento você fizer esse trabalho com uma pessoa que não te deixa bem, sai correndo! [Risos]. Estou falando

---

<sup>14</sup> BOWDITCH, Rachel; COLE, Paula Murray; MINNICK, Michele (Orgs.). *Inside The Performance Workshop. A Sourcebook for Rasaboxes and Other Exercises*. London and New York: Routledge, 2023.

<sup>15</sup> Apresentaram o *Rasaboxes* na conferência “Making Tomorrow’s Theatre” no Grotowski Institute na Polônia, 2011.

muito sério, porque pode ser até perigoso. Se você sentir qualquer cheirinho de falta de respeito, de cuidado, afinal, não é todo mundo que consegue segurar esse trabalho e dar suporte. Não é qualquer professor de teatro. Mas isso é uma coisa difícil de policiar, não vamos correr atrás dessas pessoas, não tem como fazer isso. E também, quem quer fazer isso? Mas o trabalho do *Rasaboxes* em si, se você realmente está seguindo o espírito dele, que vem do Richard Schechner<sup>16</sup>, que vem das pessoas que vieram depois, elaborando — e, agora, com essas pessoas aqui, não tem como errar. Isso é muito interessante, porque é, inclusive, uma saída do sistema capitalista.

### **Joana Ribeiro:**

Desculpa interromper Michele. Lembrei-me, ao te ouvir, de outra prática de conjunto que é o Contato Improvisação com Steve Paxton<sup>17</sup>, coreógrafo norte-americano. Ele nunca fez um *copyright* de uma prática que ele desenvolveu com um conjunto de pessoas. As pessoas que ministram o Contato Improvisação, elas aprendem, levam aquilo à frente, mas ele não patenteou. Eu digo que é um dos poucos artistas que mantêm o espírito livre, condizente politicamente com a própria obra. Não se trata de algo que ele faz no discurso, mas na prática acontece de outro modo. Como você falou Michele, [*Rasaboxes*] é uma “prática de conjunto”.

### **Michele Minnick:**

Agora, para encerrar, o que ficou foi essa troca suculenta entre nós, com vocês da plateia. Eu quero entender como construir um grupo como o que você tem Júlia Sarmiento. Não só de *Rasaboxes*, mas de outras coisas também. Está sendo difícil, na minha cidade, trabalhar do jeito que eu quero. Gostaria de entender qual seria uma abordagem necessária para conseguir isso. Ah, quero falar para vocês, sobre o que falei na “palestra de abertura”<sup>18</sup> do seminário, na segunda-feira, que foi de sermos fiéis ao que importa, ao que é essencial no trabalho, mas não ficarmos “escravizados” por isso. Nem por uma abordagem específica. Porque este trabalho é de todos nós. É isso que eu quero.

## **[APLAUSOS FINAIS]**

<sup>16</sup> Sobre isso ver: “Uma jornada com rasaboxes - Entrevista com Michele Minnick”. *ouvirOUver*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 234–246, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/39876>>. Acesso em: 14 set. 2025.

<sup>17</sup> Steve Paxton (1939-2024) – Dançou, entre outros, com Merce Cunningham e José Limon. Membro fundador do Judson Dance Theatre. Colaborou com artistas como: Yvonne Rainer e Trisha Brown. Membro fundador do grupo experimental Grand Union. A partir da década de 1970, desenvolveu o Contato Improvisação de forma colaborativa.

<sup>18</sup> PALESTRA DE ABERTURA DO I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE RASABOXES/ISIR. Indaiatuba/Cia Trilhas da Arte. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PJveqwfjYiA>>. Acesso em: 14 set. 2025.

## REFERÊNCIAS

BOWDITCH, Rachel; COLE, Paula Murray; MINNICK, Michele (Orgs.). **Inside The Performance Workshop. A Sourcebook for Rasaboxes and Other Exercises**. London and New York: Routledge, 2023.

ACHCAR, Ana *et al.* “Uma jornada com rasaboxes - Entrevista com Michele Minnick”. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 234–246, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/39876>>. Acesso em: 14 set. 2025

### Site

#### **I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE RASABOXES/ISIR/2024**

<<https://sites.google.com/view/iseminarioderasaboxesbrasil/p%C3%A1gina-inicial?authuser=1>>.

Acesso em: 10 set. 2025.